

**A noção de autor na obra de M. Bakhtin e a partir dela /  
*The Notion of Author in and from M. Bakhtin's Work***

*Renata Coelho Marchezan\**

**RESUMO**

Elegendo tanto contraposições a outros pensadores - Barthes entre eles -, quanto confluências com correntes do pensamento filosófico, caso em que se ressaltam os conceitos de mundo da vida e mundo da cultura, retoma-se a reflexão sobre a noção de autor, e também de sujeito, na obra de M. Bakhtin. Nesse caminho, mostra-se a relação dessas noções de autor e sujeito com outros importantes conceitos do pensamento bakhtiniano e, passando-se por quase toda a obra de Bakhtin, acaba-se por assinalar também o desenvolvimento da obra do pensador, bem como os princípios que a embasam, desde sempre, como um todo. Ao final, espera-se ter destacado que os conceitos de mundo da vida e mundo da cultura, que revelam uma importante filiação filosófica de Bakhtin, semelhante a que se verifica em G. Simmel, particularizam as contribuições bakhtinianas, inclusive em relação ao paradigma estruturalista, em contraposição ao qual se iniciou a reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autor; Sujeito, Despersonalização; Mundo da vida; Mundo da cultura

**ABSTRACT**

*Electing contrasts with other theorists, Barthes among them, as well as confluences with trends of philosophical thought, in which case we emphasize concepts of world of life and world of culture, we go back to the reflection upon the notion of author and subject in the work of M. Bakhtin. In this path, we show the relation of these notions of author as well as subject with other important concepts of Bakhtinian thought and, while examining Bakhtin's whole work, we end by emphasizing the development of the theorist's works, as well as the principles on which they have always been based, as a whole. Finally, we expect to highlight that the concepts of world of life and world of culture, which disclose an important philosophical affiliation of Bakhtin, similar to the one verified in G. Simmel, particularize Bakhtin's contributions, also in relation to the structuralist paradigm in opposition to which we started the study.*

**KEYWORDS:** Author; Subject; Depersonalization; World of Life; World of Culture

---

\* Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp, Araraquara, São Paulo, Brasil; [renata\\_marchezan@uol.com.br](mailto:renata_marchezan@uol.com.br)

*Barthes diz: como o autor não coincide com a linguagem do texto, ele não existe. Bakhtin diz: precisamente porque não coincide, devemos postular sua existência.*

David Lodge

Tomando a epígrafe como mote e aproveitando contribuições já existentes (FARACO; NEGRI, 1998; FARACO, 2005; TEZZA, 2007; SOBRAL, 2012; ARÁN, 2014), buscamos, neste trabalho, examinar a noção de autor presente na obra de M. Bakhtin, sabendo que, nessa direção, podemos problematizar também a noção, mais ampla, de sujeito. Esse percurso leva-nos a destacar as noções de “mundo da vida” e “mundo da cultura”, que, recorrentes na obra bakhtiniana<sup>1</sup>, se reportam à chamada “filosofia da vida”<sup>2</sup> e a pensadores que se serviram de seus conceitos, em especial G. Simmel<sup>3</sup> (1983; 2000).

A instigante súpula de David Lodge, em epígrafe, encerra sua conferência Depois de Bakhtin, no congresso sobre A linguística da escritura, realizado na Universidade de Strathclyde, em 1986. A proposta geral, segundo os organizadores, era avaliar a pertinência e os desenvolvimentos da utilização de técnicas e modelos linguísticos na análise literária. Isso aconteceu mais de um quarto de século depois da famosa conferência Linguística e poética, de R. Jakobson, em Indiana, 1958, que notabilizou a aproximação entre estudos linguísticos e literários. Na intervenção, publicada nos anais do encontro (LODGE, 1987) e, também, com pequenas alterações, em livro (LODGE, 1990), o autor constata “a fama e influência” que a obra bakhtiniana recebe no período em questão e, como a explicar os motivos de tal prestígio, aponta as controvérsias que caracterizam, então, os estudos literários, em que convivem a crítica formalista-estruturalista à subjetividade da crítica literária tradicional e a crítica desconstrutivista, que destaca a presença de um “significado transcendental” (LODGE, 1990, p.88) nas estruturas. Lodge sintetiza a questão:

---

<sup>1</sup> V. N. Volochínov (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1979) – como também, de modo semelhante, P. N. MEDVIÉDEV (2012) – trabalha com esses termos reinterpretados sob a ótica do marxismo: ideologia do cotidiano ou psicologia social e sistemas ideológicos, respectivamente. Ver TIHANOV (1998) e GRILLO (2008). Em O discurso no romance (1988b), Bakhtin também destacará o termo “ideologia”, adotando mundo ideológico, vida ideológica, sistemas ideológicos, etc.

<sup>2</sup> TIHANOV (1998); BRANDIST (2002) já destacam a importância da filosofia da vida nas obras do Círculo de Bakhtin.

<sup>3</sup> Considerado um neokantista e um precursor da sociologia, Simmel irá reelaborar suas reflexões sob a perspectiva da chamada filosofia da vida (GOLDTHORPE, 1971; GIDDENS, 1971).

[...] o efeito do estruturalismo e do pós-estruturalismo nos estudos literários tradicionais pode comparar-se ao de um terremoto seguido por um maremoto, já que ambos minam a ideia, fundamental nesse tipo de estudos, de que o autor é uma entidade histórica substancial, a única e autêntica origem do texto, cuja intenção comunicativa, consciente ou inconsciente, intrínseca ou extrínseca ao próprio texto, era tarefa do crítico elucidar (1990, p.88)<sup>4</sup>.

De um lado, portanto, além de sua pertinência, também os limites das proposições que, no caso, Jakobson é chamado a representar, são já bem conhecidos; de outro, o foco de interesse desloca-se dos discursos, dos textos, para as condições de sua produção e/ou para as suas interpretações, por definição, múltiplas e instáveis, sendo esse o domínio da desconstrução: segundo Lodge, uma “nova hermenêutica”, para a qual “todo texto está condenado a solapar sua própria reivindicação por um significado concreto” (1990, p.88)<sup>5</sup>.

Com Bakhtin, Lodge reconhece a própria perspectiva homogeneizadora pela qual, como crítico, se orienta, ao buscar a posição do autor em um denominador comum de todas as vozes do romance. Embora não explicita, Lodge parece também encontrar na condição dialógica da linguagem uma resposta para a questão do sentido do texto, que não pode ser considerado totalmente fixo ou totalmente volátil, ao modo da “nova hermenêutica”. Segundo o conferencista, - e ele o afirma não somente como crítico, mas também como romancista -, para quem, como ele, se interessa pela poética literária e por sua análise, e não apenas pelo conteúdo e contexto, a obra bakhtiniana responde a esse cenário de crise e controvérsias.

A proposta do congresso e a conferência de Lodge dispõem-nos a relacionar Bakhtin e Jakobson, que - é importante sublinhar -, com perspectivas teóricas diversas e de modo diverso, respondem ao interesse pelas relações entre língua e literatura. Ambos aproximam linguagem/língua e literatura ao tomarem como base uma concepção geral de linguagem/língua.

---

<sup>4</sup> In the original: “The effect of structuralism and post-structuralism on traditional literary studies might be compared to that of an earthquake followed by a tidal wave, for both undermined the idea, central to such studies, of the author as a substantial historic entity, the unique and authenticating origin of the text, whose communicative intention, conscious or unconscious, intrinsic or extrinsic to the text itself, it was the business of the critic to elucidate” (LODGE, 1990, p.88).

<sup>5</sup> In the original: “any text is bound to undermine its own claim to a determinate meaning” (LODGE, 1990, p.88).

Feita a aproximação, é necessário reafirmar a diversidade dos fundamentos e proposições. Lembremos que Jakobson emprega métodos e conceitos da linguística geral para descrever a linguagem poética como aquela que “se volta para si mesma”, e, dessa maneira, se desfamiliariza, desempenhando sua função poética em oposição à função prática da linguagem cotidiana. Trata-se, como se sabe, do momento em que a linguística faz escola e firma-se como uma ciência-piloto. Bakhtin, por sua vez, legou-nos uma “teoria” dialógica da linguagem, que é depreendida de sua obra. Acompanhando sua reflexão, compreende-se a natureza dialógica de todo ato de fala, quer seja literário ou não literário, mas se examinam, prioritariamente, as particularidades da obra literária.

Ao introduzir os trabalhos de Bakhtin que traduzia e reunia em livro, Holquist (1981, p.xvii) alertava para que não se esperasse da concepção de língua/linguagem que traziam a extraordinária sistematicidade encontrada na concepção de Saussure, Hjelmslev, Benveniste e Jakobson. E comparou a diferença entre as concepções com a diferença entre o romance e outros gêneros mais formalizados. A equação montada é sugestiva: não é mesmo um acaso o feliz encontro de Jakobson com a poesia e o de Bakhtin com o romance.

Embora não seja nosso objetivo explorar as diferenças teóricas entre Jakobson e Bakhtin, nem nos ocupar, principalmente, das críticas bakhtinianas ao movimento múltiplo denominado formalismo, é pertinente, para o objetivo deste trabalho, destacar o conceito de estranhamento e a proposição da oposição entre linguagem artística e linguagem prática.

As reflexões bakhtinianas insistirão na relação e, especificamente, na necessária interalimentação entre a linguagem do cotidiano e a literatura<sup>6</sup>. Relembremos, assim, que, na crítica de Bakhtin, o conceito de estranhamento, desfamiliarização, é ora o estranhamento do material, da palavra – “o que se estranha é *a palavra*, por meio da destruição da sua série semântica habitual” (1988a, p.61) –, ora o estranhamento do objeto, mas entendido de maneira psicológica. Para Bakhtin, o que se tem aí é, principalmente, a consideração da linguagem da obra como se fosse toda a obra, a consideração da poética do material como se fosse toda a poética (1988a, 1988b; 1997e, p.413). A hipertrofia da forma do material, com a negação do conteúdo; e não a relação

---

<sup>6</sup> Cf. MARCHEZAN, 2013.

entre conteúdo, forma e material, que constitui todo e qualquer enunciado. No seu exame das particularidades da obra literária, Bakhtin acionará a relação entre essas noções ao destacar a forma arquitetônica, que é

[...] a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (cocriador da forma) com o conteúdo; todos os momentos da obra, nos quais podemos sentir a nossa presença, a nossa atividade relacionada axiologicamente com o conteúdo, e que são superados na sua materialidade por essa atividade, devem ser relacionados com a forma (1988a, p.59).

Na obra literária, nem o objeto nem tampouco o material são os agentes que captam o sujeito em um lance de passividade. O autor-criador, com o cocriador que acaba por estabelecer, é o agente, que enforma/reenforma o conteúdo ao imprimir-lhe nova axiologia. O material e a forma composicional, que o organiza, devem ser “superados” de modo a servir à forma arquitetônica.

A forma artística, assim entendida, caracteriza a autonomia, a relativa autonomia da obra literária, conforme a considera Bakhtin: a arte não se opõe à realidade, ao mundo da vida, que se encontra plenamente nela como seu elemento indispensável. No entanto, a arte não se confunde com a vida: ao dar nova forma ao conteúdo, o autor-criador penetra com empatia no objeto, sempre já saturado axiologicamente, para, sem se fundir com ele, de fora – trata-se, aqui, da “exterioridade”<sup>7</sup>, noção sempre presente na obra bakhtiniana –, (re)conformá-lo axiologicamente no mundo da cultura. Nesse sentido, não só não se opõem linguagem artística e linguagem cotidiana – o que seria considerar apenas o material –, mas também não se opõem os enunciados concretos do cotidiano e as obras literárias.

Vê-se, assim, que Bakhtin privilegia as reflexões sobre a obra literária, mas sempre situa a estética no domínio mais amplo da cultura humana, que compreende também a ciência/conhecimento e a ética. A arte não é indiferente também a esses dois outros domínios; ela os acolhe e, desse modo, dá à cultura uma unidade concreta. Ao

---

<sup>7</sup> Nas publicações brasileiras, esse termo, do russo *vnenakhodimost*, aparece, principalmente, como “exterioridade”, “exotopia” – na esteira de Todorov (1981), como nos lembra e adota Amorim (2006) – e “distância” ou “distanciamento”, como prefere e argumenta Bezerra (2003). Optamos por “exterioridade”, tanto pela pertinência em assinalar sua oposição a “interioridade”, quanto pela relevância em distinguir – o que o termo “distanciamento” também favorece – “exterioridade” e “empatia”, que, às vezes, são fundidas no emprego do termo “exotopia”. Cabe ressaltar também que a empatia não é um momento cronologicamente anterior à constituição da forma artística: “os momentos da empatia e da objetivação se interpenetram” (BAKHTIN, 2010, p.61-2).

fazê-lo, a arte libera o conteúdo do conhecimento e do ato ético dos elos, determinações e interesses que tem em seus domínios específicos. É esse isolamento - separação que, apressadamente, poderia ser confundida com o conceito de estranhamento - do conteúdo de seus domínios que compõe também a explicação da relativa autonomia de que desfruta a arte; é ele que possibilita a atividade não teleológica, não instrumental, desinteressada, mas não indiferente, do autor-criador. Possibilita, assim, que “o autor-criador se torne um elemento constitutivo da forma” (BAKHTIN, 1988a, p.61).

O conteúdo, desse modo, é superado em seu caráter extraestético, ao ser totalmente formalizado, mas também inteiramente encarnado. Trazido ao domínio estético, o conteúdo agora responderá às injunções, às licenças, aos compromissos, às filiações e aos conflitos próprios desse outro espaço cultural, que pressupõe também uma outra temporalidade. Reconhecemos aí as relações dialógicas que o autor-criador mantém com a esfera artística em que se situa, por meio das quais também vai compondo sua própria imagem na obra.

Ao identificar nas proposições do formalismo uma estética do material, por ignorar o conteúdo e não incluir a historicidade, Bakhtin lhes atribui o entendimento da arte como “fabricação”, e não como criação (1997e, p.413). Não abandona, portanto, a noção de “criação”, embora não a credite a um único indivíduo.

Como já anunciamos, não é de aproximações e distanciamentos entre Bakhtin e Jakobson que Lodge se ocupa. Depois de explicada a razão de seu destaque a Bakhtin, Lodge problematiza o que considera, naquele momento, “um enigma ou paradoxo”: como entender a existência do discurso monológico, no contexto em que se reconhece a natureza dialógica da linguagem. Ele examina algumas hipóteses para explicar sua dúvida e acaba entendendo a proposição bakhtiniana como uma questão de dominância, de orientação para a monologia ou para a polifonia. Após o debate dessa questão<sup>8</sup>, procedimento que o conduz à reflexão sobre a noção de autor, Lodge estabelece um paralelo entre Bakhtin e Barthes, resumido no trecho registrado em epígrafe. Dele, pode-se extrair que “o autor não coincide com a linguagem do texto”: um conhecimento partilhado entre Barthes e Bakhtin, já e bem assentado em várias perspectivas.

A aproximação entre Bakhtin e Barthes feita por Lodge sustenta-se no entendimento de que os dois pensadores não consideram o autor, conforme as palavras

---

<sup>8</sup> Mesmo que, rapidamente, nós a retomamos mais adiante.

já citadas, “a única e autêntica origem do texto”. Aproximação que pode ser também concedida à recusa de considerar autor como indivíduo empírico, cuja biografia confere um princípio explicativo à obra criada (HANSEN, 1992). Mas sabemos que Barthes irá mais longe.

Como mostra o restante da epígrafe, para Lodge, as reflexões de Bakhtin e Barthes não são apenas similares, mas também antitéticas. Nesse sentido, feita a aproximação, é hora de distinguir o modo como Bakhtin e Barthes concebem e desenvolvem essa não coincidência entre autor e obra. A começar pelas palavras da epígrafe: a não coincidência assinala em um, a existência do autor; em outro, a inexistência.

De acordo com o Barthes do famoso e extremado texto *A morte do autor* (BARTHES, 1988), de 1968, o autor é uma “invenção” da sociedade moderna (pós-medieval), atrelada ao prestígio atribuído ao indivíduo. Nas palavras de Foucault, na conferência *O que é um autor?*, de 1969, “a noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história das filosofias também, e nas ciências” (1992, p.33).

Em seu texto, Barthes reconhece o poder da “invenção”, que ainda exercia seu fascínio sobre a crítica, sobre o ensino da literatura e até sobre os literatos. É de sua morte, entretanto, que, imbuído da linguística da enunciação, irá tratar teoricamente, não sem antes examiná-la na escritura antecipadora de Mallarmé, e, mesmo que de modos diferentes, de Valéry, de Proust e dos surrealistas.

Barthes acaba por testemunhar que o, digamos, desprestígio do autor manifesta-se em pelo menos dois domínios: o da literatura e o da reflexão teórica sobre a língua; no entanto, não se interessa por cogitar acerca das possíveis razões históricas para essa percepção. Em vez disso, considera um interstício a invenção do autor. As obras literárias dos escritores citados estariam, nesse sentido, reatualizando a impessoalidade que sempre existira: “nas sociedades etnográficas, a narrativa nunca é assumida por uma pessoa, mas por um mediador, xamã ou recitante, de quem, a rigor, se pode admirar a *performance* (isto é, o domínio do código narrativo), mas nunca o gênio” (1988, p.65-6).

Embora exalte o caráter geral da teoria linguística que adota, Barthes não se dirige, prioritariamente, a toda e qualquer enunciação, mas à “escritura”, que é de

caráter “intransitivo”, uma vez que sua função não é a ação sobre o real, mas, sim, o exercício do símbolo. A escritura é “a destruição de toda voz, de toda origem” (p.66); é o espaço neutro da perda da identidade e também do corpo. É, pois, necessário dar à língua o que é da língua, deixar a língua falar nesse lugar que é seu, e não de um indivíduo. “É a linguagem que fala, não o autor” (p.66). A obra, então, não é o espaço da expressão, da unicidade do sentido, mas da constante atualização das escrituras que compõem as culturas.

Suprimido o sacralizado autor – e com ele o crítico consagrado a decifrar seu segredo, seu sentido último –, libera-se o sentido. Libera-se, então, também o leitor da tarefa de vasculhar uma biografia, uma mente, um coração, uma subjetividade, na busca de uma explicação, de um querer dizer, de uma transcendência. Desaparece o pai, mas fica a obra. A ter demarcado seu sentido, desfiada sua malha (p.69).

O eu, inscrito na obra, não tem origem, passado, nem futuro fora dela, e não pertence a nenhum lugar fora dela: “[...] todo texto é escrito eternamente *aqui e agora*” (p.68). As categorias de pessoa, tempo e espaço são, pois, instâncias enunciativas vazias, sem relação com os interlocutores: escritor e leitor nascem juntamente com o texto. Barthes celebra, ao final de seu texto, que é analítico e também propositivo: “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor” (p.70).

Para Barthes, repetimos, a “invenção do autor” é um interstício; diferentemente, para Foucault (1992), na citada conferência, o surgimento do conceito de autor coincide com o nascimento do conceito de literatura.

Foucault também examina a escrita contemporânea: libertada do tema da expressão, do gesto de escrever (p.35), e da interioridade, a escrita refere-se a si mesma, aponta para seu próprio significante; volta-se para o próprio espaço que manifesta, o que se fortalece com o apagamento que o próprio escritor faz das marcas de sua individualidade (p.36). Na escrita contemporânea, o sujeito está sempre a desaparecer, “o sujeito que escreve retira a todos os signos a sua individualidade particular, a marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência” (p.36-7).

Com a distinção entre autor e escritor, Foucault identifica o escritor como o agente do apagamento do autor; também diferentemente de Barthes, portanto, para quem, apesar de também se referir ao escritor, o agente é a escritura. De seu modo, então, Foucault também ressalta o parentesco da literatura, da escrita, com a morte: “a



obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser a assassina do seu autor” (p.36). Para ele, no entanto, se, na escrita contemporânea, o sujeito está sempre a apagar-se, em sua recepção e circulação, os autores, seus nomes, continuam a exercer influência: em suas palavras: “o nome próprio bordeja os textos” (p.45). É examinando as condições do funcionamento histórico da noção de autor que Foucault assenta sua reflexão sobre “a função autor” e, nesse contexto, problematiza a “morte do autor”, a regra do apagamento do autor, mas, conforme também esclarece em resposta à questão de L. Goldman ao final de sua conferência, não afirma que o autor não existe (p.80).

O interesse, o ângulo de análise de Foucault é, portanto, outro, diferente do de Barthes: Foucault não fixa sua reflexão em uma teoria linguística e interessa-lhe, principalmente, o fora da obra, o funcionamento histórico-social do conceito de autor e do nome do autor no sistema de significação. Foucault inclui, em sua conferência, uma crítica, aquela mesma lembrada por Lodge, ao sujeito transcendental que surge da escritura, que surge da morte do autor. Assim, sob o que considera uma aparente ruptura, Foucault identifica semelhanças nas proposições da escritura com a própria tradição histórico-transcendental do século XIX e, desse modo, conjectura que a escrita “faz subsistir, na luz cinzenta da neutralização, o jogo das representações que configuram uma certa imagem do autor” (p.41).

A morte do autor, de Barthes, fundamenta-se na abordagem estrutural da enunciação. Quanto a Bakhtin – estamos ainda seguindo o motivo da epígrafe –, seu lugar de reflexão, como sabemos, pode ser reconstituído, em parte, com base nas próprias críticas que formula ao estruturalismo:

Minha atitude ante o estruturalismo? Sou contra o fechamento dentro do texto, contra as categorias mecânicas de “oposição” e de “transcodificação” [...], contra uma formalização e uma despersonalização sistemática: todas as relações têm um caráter lógico (no sentido lato do termo). De minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica. [...] No estruturalismo, existe apenas um *único sujeito*: o próprio pesquisador. As coisas se transformam em *conceitos* (com um grau variável de abstração); o sujeito não pode tornar-se um conceito (ele mesmo fala e responde). O sentido é personalista; sempre comporta uma pergunta - dirige-se a alguém e presume uma resposta, sempre implica que existam dois (o mínimo dialógico). Este personalismo não é um fato de psicologia, mas um fato de *sentido* (1997e, p.413).

A citação acima, que permitirá ampliar o foco da nossa reflexão sobre o autor para abarcar o sujeito, na perspectiva dialógica, expõe claramente a crítica de Bakhtin ao que considera “uma formalização e uma despersonalização sistemática” da empreitada estruturalista, da qual depreende um sujeito impensado, “o próprio pesquisador”. Crítica que não parece muito diferente daquela, retomada aqui, com Foucault e também com Lodge, que revê a morte do sujeito como o renascimento de um sujeito transcendental. Crítica semelhante é feita por Bakhtin, desde seus primeiros trabalhos, à reprodução, nas ciências humanas, dos métodos teórico-abstratos das ciências naturais<sup>9</sup>, domínio em que, para ele, existe apenas um sujeito: “a consciência gnosiológica não poderia ter outra consciência situada fora dela, não poderia estabelecer uma relação com outra consciência que fosse autônoma e não se fundisse com ela” (1997a, p.104).

Para Bakhtin, portanto, assumir que o sentido é sempre personalista significa que não pode ser reduzido a uma coisa, nem a uma abstração. Significa ainda não considerá-lo resultado de uma subjetividade, de um estado interior. O sentido supõe a relação entre dois sujeitos, entre duas consciências, entre dois centros valorativos; o que é afirmado também desde os primeiros trabalhos e, depois, com a consideração da linguagem, compreendido em termos dialógicos: “o valor concretamente afirmado de um ser humano e o meu valor-para-mim-mesmo são radicalmente diferentes” (BAKHTIN, 2010, p.141). O valor somente é “concretamente afirmado” por meio da linguagem, que se realiza em situações de interação. A palavra é “a realidade da consciência” (BAKHTIN, 1997c, p.337); “no campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo” (BAKHTIN, 1988b, p.153).

Assim, a relação entre duas consciências, definida e trabalhada pelas noções de exterioridade e de empatia, e, em passo seguinte decisivo para a contribuição bakhtiniana, o reconhecimento da natureza dialógica dessa relação terão múltiplos desdobramentos na reflexão sobre o mundo da vida<sup>10</sup>, sobre o ato ético e sobre a obra literária. Isso se dá, certamente, porque as relações dialógicas que uma consciência

---

<sup>9</sup> Embora reconheça que não há “uma fronteira intransponível” entre as ciências humanas e as ciências naturais (BAKHTIN, 1997d, p.385).

<sup>10</sup> Termos já introduzidos, neste texto, quando retomamos a crítica bakhtiniana ao formalismo.

estabelece com outra, que lhe é “exterior”, explicam mesmo a própria constituição da consciência:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. [...] Não se trata do que ocorre dentro mas *na fronteira* entre a minha consciência e a consciência do outro, *no limiar* (BAKHTIN, 2003c, p.341).

Brandist (2002) e Emerson (2003) relacionam a noção de exterioridade à proposição kantiana sobre a consciência: a consciência do eu é possível apenas porque é estabelecida por algo que se relaciona ao eu, mas está fora do eu. Bakhtin, no entanto, rejeita, enfaticamente, a “consciência em geral” de Kant, o entendimento da consciência como um universal abstrato. Para os dois estudiosos da obra bakhtiniana, é a ‘reavaliação’ de Kant à luz da fenomenologia que permite a Bakhtin substituir o princípio da transcendência pela perspectiva mais horizontalizada da interação e do excedente de visão (EMERSON, 2003). Com N. Bonetskaia, Emerson<sup>11</sup> sublinha ainda a divergência de Bakhtin com a proposição kantiana de que “o conhecimento, por estar limitado à experiência pessoal, não pode nunca ser adequado ou confiavelmente extraído da alma de outra pessoa. [...] a informação só podia ser coligida ‘de dentro para fora’, isto é, por meio da auto-observação”. E conclui: Bakhtin “insiste em que é precisamente nossa própria pessoa que não podemos conhecer, uma vez que a psique humana está estruturada para operar ‘de fora para dentro’ [...]” (EMERSON, 2003, p.257).

Essa mesma relação eu/outro está presente no domínio da arte, na obra literária: a forma arquitetônica, noção já introduzida anteriormente neste texto, manifesta a consciência de uma consciência, a relação ativa e valorativa do autor com o herói, do autor com o leitor, do autor com seu objeto, de um herói com outro. A relação dialógica, entre a voz do autor e outras vozes. constrói o herói, o leitor, mas também o autor; constrói o poeta que, em tendência centralizante, manifesta uma única voz, a despeito, e até em função, das outras vozes que o constroem; constrói o romancista que, em

---

<sup>11</sup> Lembremos que, nesse trabalho de Emerson, publicado logo após o centenário de nascimento de Bakhtin, um dos objetivos principais é compor a imagem do pensador entre os estudiosos russos.

tendência descentralizante, realiza a polifonia de vozes, a estratificação de discursos e de línguas, a diversidade de estilos e de gêneros (BAKHTIN, 1988b, p.82).

No exame dos autores assim construídos, Bakhtin detecta um autor em crise: aquele que, sem um *nós*, sem um chão firme em que se situar (2003b, p.201), pois “todas as forças capazes de condensar a vida pelo exterior parecem inconsistentes e fortuitas” (BAKHTIN, 1997a, p.216), se aloja na interioridade, perde a posição exterior em relação ao herói, o excedente de visão que comporia a unidade estética e daria acabamento a ela. Bakhtin, no entanto, mudará sua percepção: tirando mais consequências do diálogo e da posição de exterioridade, em vez de reafirmar esse autor abalado, ensimesmado, passará a percebê-lo como um autor que, sem se apassivar, sem se fundir com o herói, o acompanha de perto, intimamente. Sem o *nós*, sem que o *eu* se una a uma terceira pessoa do diálogo que lhe forneceria uma exterioridade consistente, segura, estável, o diálogo desenvolve-se mais horizontalmente. Nessa outra perspectiva, a obra de Dostoiévski traria não mais um autor em crise, mas um autor que não fala *sobre* o herói, mas *com* ele (BAKHTIN, 1981).

Bakhtin proporá que é na prosa literária, em especial no romance de Dostoiévski, que o cruzamento de vozes mostrará toda a sua complexidade, exibirá artisticamente consciências equipolentes, vozes plenivalentes (1981) e o caráter inconcluso da vida, a que, nos desdobramentos de sua vida e de seus estudos, Bakhtin parece agarrar-se. O “homem no homem” (1981, p.222). Sem o chão firme, sem certezas que também podem amordaçá-lo, mas, mesmo assim, sem o vazio axiológico, sem o ceticismo que pode rendê-lo. Na Reformulação do livro sobre Dostoiévski, anota:

A estrutura totalmente nova da imagem do homem é a consciência do outro, rica em conteúdo, plenivalente, não inserida na moldura que *conclui* a realidade, consciência essa que não pode ser concluída por nada (nem pela morte), pois o seu sentido não pode ser solucionado ou abolido pela realidade (matar não significa refutar). Essa consciência do outro não se insere na moldura da consciência do autor, revela-se de dentro como uma consciência situada *fora* e *ao lado*, com a qual o autor entra em relações dialógicas. [...] O nosso ponto de vista não afirma, em hipótese alguma, uma certa passividade do autor, que apenas monta os pontos de vista alheios, as verdades alheias, renunciando inteiramente ao seu ponto de vista, à sua verdade. A questão não está aí, de maneira nenhuma, mas na relação de reciprocidade inteiramente nova e especial entre a minha verdade e a verdade do outro. O autor é profundamente *ativo*, mas o seu ativismo tem um caráter *dialógico* especial (BAKHTIN, 2003c, p.338-339).

A relação entre vozes arquitetadas a imagem do autor na obra – monofônica ou polifônica –, melhor dizendo, constrói a imagem do autor-criador. O autor-criador, elemento constitutivo da forma artística, componente da obra, que Bakhtin distingue do autor-pessoa, componente da vida (1997a, p.31). Assim, o autor-pessoa (o leitor) e o autor-criador (o cocriador e o herói) habitam, respectivamente o “mundo da vida” e o “mundo da cultura”, mais particularmente, um domínio deste, o artístico, melhor ainda, o literário.

As noções autor-pessoa e autor-criador, vida e arte, relacionam-se também à “dupla refração”. Para entendê-la, é necessário destacar que, para a perspectiva bakhtiniana, não temos nunca acesso “direto” ao mundo: o objeto que percebemos está sempre já impregnado de ideologias, que lhe aplicamos; com outras palavras, o objeto dos nossos enunciados comporta refrações de diferentes vozes, que resultam das forças sociais atuantes em uma dada época. A obra de arte comporta, então, uma segunda refração, em que o mundo já saturado de sentidos é representado novamente. A voz do autor experimenta nova refração, nos diálogos que constrói: “minha própria palavra [a do autor] se torna objeto e adquire uma segunda voz”, uma voz indireta: “o escritor é aquele que sabe trabalhar a língua situando-se fora da língua, é aquele que possui o dom do *dizer indireto*” (BAKHTIN, 1997c, p.337)<sup>12</sup>. A segunda voz, a voz indireta, é a do autor-criador, que pode ser apreendida da obra.

A arte não “estranha” o cotidiano, os outros domínios culturais<sup>13</sup>; fazendo deles próprios seu objeto, transportando-os a outra esfera, que tem suas próprias regras, exerce sua (relativa) independência em relação a eles. A dupla refração manifesta, assim, a relação entre vida, arte e demais esferas culturais.

Para Bakhtin, todo enunciado, tanto o cotidiano como o literário ou o das demais esferas culturais, nunca é a repetição de outro já existente; mas também não é inteiramente novo, se o fosse a comunicação seria impossível. Como integrantes que são da cadeia da comunicação verbal, dos processos sócio-históricos, os enunciados reiteram valores, reafirmam sentimentos, repetem estruturas linguísticas.

No entanto, é no mundo da vida, a cada enunciado, a cada leitura, únicos e irrepetíveis, realizados dialogicamente em determinado tempo e espaço, em

---

<sup>12</sup> Lodge também se detém nessa citação.

<sup>13</sup> Conforme já introduzimos anteriormente.

determinada sociedade, que a obra literária é produzida, é aí também que, digamos, sai da estante e se (re)atualiza, reitera ou transforma sentidos já estabelecidos, incorpora-se à experiência do autor, do leitor, participa de sua constituição. Destaca-se assim, na reflexão bakhtiniana, a importância da arte, mas também do mundo da vida.

Toda essa dinâmica revela, pois, que não há um rompimento radical entre autor-pessoa e autor-criador, nem uma completa alienação entre o autor-pessoa e sua obra. Seria admitir, em Bakhtin, o que ele critica no estruturalismo, no formalismo<sup>14</sup>. Nessa direção mesmo criticando o uso da biografia do autor para o entendimento da obra, Bakhtin pondera:

[...] não procuramos negar totalmente o valor das eventuais confrontações, que podem ser eficazes, entre as respectivas biografias do autor e do herói, entre suas visões do mundo – em se tratando de história da literatura ou de estética –, denunciemos simplesmente o procedimento puramente factual, desprovido de qualquer princípio, tal como é praticado atualmente, baseado na confusão total entre o autor-criador, componente da obra, e o autor-homem, componente da vida, com total ignorância do princípio criador existente na relação do autor com o herói (1997a, p.31).

O autor deve ser compreendido, acima de tudo, a partir do acontecimento da obra, em sua qualidade de participante, de guia autorizado pelo leitor. Compreender o autor no mundo histórico de sua época, compreender seu lugar na sociedade, sua condição social. Aqui saímos dos limites de uma análise do acontecimento da obra e entramos no domínio da história; o estudo puramente histórico tem de levar em conta todos esses fatos. [...] Sua individuação [do autor] enquanto homem é um ato criador secundário, um ato do leitor, do crítico, do historiador, um ato que é independente do autor enquanto princípio ativo de uma visão – e é um ato que o torna passivo (1997a, p.220).

Poderíamos, agora, voltar à nossa epígrafe e reescrever seu último trecho, para especificar, na abordagem bakhtiniana, a não coincidência do autor com a linguagem de seu texto: Bakhtin postula a existência do autor-criador, precisamente porque ele não coincide com o autor-pessoa. Poderíamos assim resumir, desde que considerássemos todas estas reflexões.

Barthes e Bakhtin rejeitam o conceito de autor como “a única e autêntica origem do texto”. No entanto, seus caminhos são bem diferentes: interessado na reflexão sobre

---

<sup>14</sup> Melhor seria lembrar Foucault, conforme já citado: “o nome próprio [do autor] bordejando os textos” (1992, p.45).

a língua/linguagem, Barthes encontra na linguística da enunciação a base teórica para sua rejeição; Bakhtin examina, prioritariamente, a obra literária, mas, com interesse filosófico, suas reflexões não se encerram nela.

Como vimos, Bakhtin enfatiza a relação eu/outro, necessária não somente na criação artística, mas também na própria constituição da consciência, que se realiza sempre por meio da linguagem. Do mesmo modo, revela a importância que dá à dinâmica da vida social cotidiana para a explicação e circulação das formas de criação artística, na verdade, na explicação e circulação das formas de criação cultural como um todo, que constituem os domínios não somente da estética, mas também da ética e da cognição<sup>15</sup>.

Desse modo, a despeito das confluências com Simmel, Bakhtin parece argumentar contra a “tragédia da cultura”, anunciada pelo pensador alemão (SIMMEL, 2000). Simmel detecta um conflito insolúvel entre vida e forma: os objetos culturais, ao criar seus próprios sistemas de significação, tendem a se autorreferir, a se autoengendrar, passam a ter uma finalidade interna, separando-se do sujeito que os cria e a quem deveriam servir. Bakhtin reconhece essas forças culturais, ideológicas, que objetivam, automatizam e despersonalizam o homem, mas aponta para a superação da cisão entre vida e cultura, com a comunicação, com as forças descentralizadoras. Afirma, assim, a importância do mundo da vida, em que a comunicação se realiza. Afirma também a função da arte. Como vimos, é no domínio da arte, em especial no romance, que se pode encontrar, de modo semelhante ao mundo da vida, a relação entre sujeitos encarnados, concretamente situados.

As reflexões sobre o autor e sobre o sujeito, aqui desenvolvidas, destacam as interlocuções de Bakhtin com a filosofia da vida. Gumbrecht vincula esse pensamento filosófico à rejeição do paradigma sujeito/objeto, segundo o qual o sentido do mundo é algo “dado” e cabe ao homem, situado fora dele, decifrá-lo – e acrescentaríamos, cabe ao crítico elucidar o texto literário. Os pensadores dessa perspectiva, mesmo que com proposições diferentes, alinham-se na consideração de que o sentido do mundo não é independente da mente humana (GUMBRECHT, 1998, p.157-181). Fica claro, com a

---

<sup>15</sup> De modo semelhante a essa dinâmica, Bakhtin (1997b) também assinala a inter-relação entre os gêneros primários e os gêneros secundários, distinção esta que se vincula ao mundo da vida e ao mundo da cultura. Os enunciados do mundo da vida e os do mundo da cultura registram e atualizam, respectivamente, os gêneros primários e os gêneros secundários. Em MARCHEZAN (2006), essa vinculação já se apresentava, mesmo que ainda de maneira intuitiva.

noção de refração, que essa proposição é adotada por Bakhtin que, em resposta à crise do paradigma sujeito/objeto, propõe, pelo menos para as ciências humanas, o procedimento dialógico, a relação sujeito/sujeito.

Bakhtin não deixa vago, portanto, o espaço do sujeito. Sem o distanciamento sujeito/objeto, sem a garantia de objetividade, e com a consideração de que os sujeitos atuam diferentemente nas diversas esferas do mundo da cultura – lembremos a distinção entre autor-pessoa e autor-criador –, Bakhtin poderia ser considerado sob a ótica do relativismo, da fragmentação do sujeito. Não. Isso pode ser refutado com base, novamente, no mundo da vida, lugar do ato responsável<sup>16</sup>, em que, sem alibi, o sujeito deve responder pela unidade de seus atos nas diferentes esferas em que atua. Enfatiza-se, assim, que o sujeito bakhtiniano, que se constitui socialmente na relação com o outro, comporta também uma instância ética.

Ao final dessas reflexões, parece-nos possível afirmar que, nos estudos bakhtinianos, ainda não se deu a relevância necessária aos conceitos de mundo da vida e mundo da cultura. Apenas quando se lança mão deles é possível entender as noções bakhtinianas de autor, de sujeito, que habitam o mundo da vida e os domínios da cultura. A presença desses conceitos filosóficos, em toda a obra de Bakhtin, permite corroborar a afirmação de sua unidade e coerência.

### **Agradecimento**

Aos colegas do GT Estudos bakhtinianos, da ANPOLL, que debateram esta reflexão.

### **REFERÊNCIAS**

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B.(org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.95-114.
- ARÁN, P. O. A questão do autor em Bakhtin. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*. São Paulo, Número Especial: 4-25, Jan./Jul. 2014.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. [1963]
- \_\_\_\_\_. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP; Ed. Hucitec, 1988a, p.13-70. [1924]

---

<sup>16</sup> Conforme BAKHTIN (2010), em especial, mas não somente aí.



- \_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1988b, p.71-210. [1934-1935]
- \_\_\_\_\_. O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a, p.23-220. [1924]
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997b, p.277-326. [1952-1953]
- \_\_\_\_\_. O problema do texto. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997c, p.327-358. [1959-1961]
- \_\_\_\_\_. Apontamentos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997d, p.369-397.
- \_\_\_\_\_. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997e, p.399-414. [1974]
- \_\_\_\_\_. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a, p. xxxiii-xxxiv. [1919]
- \_\_\_\_\_. Acerca do capítulo “O diálogo em Dostoiévski”. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p.199-201.
- \_\_\_\_\_. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003c, p.337-357. [1961]
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. [1924]
- \_\_\_\_\_./VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.[1929]
- BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.65-70. [1968]
- BEZERRA, P. Introdução. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.ix-xii.
- BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London: Pluto Press, 2002.
- EMERSON, C. *Os 110 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FARACO, C. A.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? *Revista Letras*, Curitiba, n.49, p.159-170, 1998.

- FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.37-60.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992. [1969]
- GIDDENS, A. Georg Simmel. IN: RAISON, T. (Org.). *Os precursores das ciências sociais*. Trad. Luiz Corção. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971, p.149-157.
- GOLDTHORPE, J. H. Introdução. IN: RAISON, T. (Org.). *Os precursores das ciências sociais*. Trad. Luiz Corção. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. p.9-17.
- GRILLO, S. V. C. Gêneros primários e gêneros secundários no Círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. *Alfa*. Revista de Linguística. São Paulo, 52 (1): 57-79, 2008.
- GUMBRECHT, H. U. *Modernização dos sentidos*. Trad. Lawrence F. Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998.
- HANSEN, J. A. Autor. In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.11-43.
- HOLQUIST, M. Introduction. In: BAKHTIN, M. *The Dialogic Imagination: Four Essays by M. M. Bakhtin*. Edited by Michael Holquist, translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981, pp.xv-xxxiii.
- LODGE, D. After Bakhtin. In: FABB, N. et al. (ed.). *The Linguistics of Writing: Arguments between Language and Literature*. Manchester: Manchester University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. After Bakhtin. In: LODGE, D. *After Bakhtin: Essays on Fiction and Criticism*. London: Routledge, 1990, pp.87-99.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.115-131.
- \_\_\_\_\_. Sobre o pensamento bakhtiniano: uma recepção de recepções. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, 8 (1), p.82-94, jan./jun. 2013.
- MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila C. Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012. [1928]
- MORAES FILHO, E. (org.). *Georg Simmel: sociologia*. [Trad. Carlos A. Pavanelli et al.]. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMMEL, G. *Simmel on Culture: Selected Writings*. Edited by David Patrick Frisby and Mike Featherstone. London: Sage Publications, 2000.
- SOBRAL, A. A concepção de autor do "Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov": confrontos e definições. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 1, n. 2, p.123-142, dez. 2012.
- TEZZA, C. Sobre "O autor e o herói": um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p.273-303.

TIHANOV, G. Vološinov, Ideology, and Language: the Birth of Marxist Sociology from the Spirit of *Lebensphilosophie*. *The South Atlantic Quarterly* 97:3/4, Summer/Fall 1998. pp.599-621.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1981.

*Recebido em 10/03/2015*

*Aprovado em 14/09/2015*